

# A invenção do caos

**S**EMPRE há motivo de estranheza quando um jornal como o "The New York Times" deixa de justificar o seu prestígio e a sua influência junto à opinião pública mundial.

**O** PÚBLICO brasileiro e internacional já está acostumado a ler, no NYT, matérias enfocando os aspectos desfavoráveis da nossa realidade. O Times não difere, nisso, de outros órgãos da imprensa mundial. É o preço que pagamos pelo nosso estágio problemático de desenvolvimento.

**Q**UANDO é hora, entretanto, de abordar temas específicos como a política econômica do Governo brasileiro, e justamente por tratar-se de assunto especializado, seria de desejar uma abordagem muito mais objetiva e competente do que a adotada no artigo ontem reproduzido pelo GLOBO.

**E**EDITORIAIS até simpáticos ao Brasil, revelando um bom entendimento das dificuldades que o País atravessa, não deixam de aparecer periodicamente nas edições do Times. Representam a contribuição ao assunto de um jornal que pretende ser muito mais do que simples reflexo de opiniões paroquiais ou preconceituosas.

**M**AS de pouco vale ser sério em editorial quando outros espaços são ocupados por matérias ou artigos onde a realidade brasileira recebe um trata-

mento superficial e até leviano — o que compromete a imagem externa de um país e dificulta, no caso específico, as relações entre Brasil e Estados Unidos.

**U**M JORNAL da envergadura do "New York Times" não pode desejar que os seus correspondentes atuem como simples refletores da realidade aparente, ou de comentários frívolos apanhados na atmosfera. É preciso descer às camadas e mais densas dessa mesma realidade.

**A** DÍVIDA externa, por exemplo, mergulha numa dessas camadas. O Brasil não surgiu de repente na cena internacional escancarando uma fatura vencida de 120 bilhões de dólares. Uma rápida apreciação histórica do problema explicará como caímos na cilada do empréstimo acessível e barato. Lembrará também os choques do petróleo e dos juros, fatores do galopante encarecimento do dinheiro emprestado.

**A** POLÍTICA de Governo — como acontece em todo o Mundo — tem os seus prós e contras. Ninguém, em sã consciência, haverá de supor que a administração do Presidente Collor esteja sendo um mar de rosas.

**I**MPOSSÍVEL, entretanto, desconhecer ou desprezar liminarmente o trabalho em que se empenha a equipe governamental

para reduzir as proporções da crise e alcançar uma etapa de estabilização econômica e de modernização do Estado.

**A**S DIFICULDADES conjunturais que nos cercam não constituem uma especialidade brasileira. Todo o Continente, com raras exceções, vive sob o peso de adversidades parecidas. A Europa que hoje brilha ao sol do Primeiro Mundo já atravessou fases borrascosas, para não falar nas suas tragédias.

**E**NFIM, não existem receitas fáceis para os desafios que nos surgem de todos os lados e em todos os graus. Nem é justo que dos principais órgãos da imprensa mundial recebamos a carga adicional das descrições e dos julgamentos facciosos.

**O** "New York Times", como qualquer outro jornal, encontrará na presente situação do País e na política econômica do Governo Collor uma série de dados negativos, ou equivocados, cuja veracidade poucos contestarão. Mas estará desertando dos limites de sua responsabilidade e de sua própria credibilidade se somente conseguir alinhar fracassos, farsas e desastres no inventário do programa governamental.

**A**í, é querer criar, a todo custo, a imagem do caos, juntando peças escolhidas a dedo no entulho da desmoralização pré-fabricada.